



MAGICO.

Publica-se por ora aos domingos; imprime-se na Typographia de E. A. Ribeiro & Ayres, rua d'Aliançadeu n. 135.—Assigna-se a 500 rs. por mez.

DOMINGO 23 DE NOVEMBRO DE 1851.

ALGUMAS PALAVRAS.

Nada prometto para tudo cumprir; me esforçarei até onde couber o possivel, e desta forma fallarei a todos na linguagem de todos. Meu timbre é a verdade, embora amargue a estes e seja indiferente áquelles, afinal todos reconhecerão a utilidade que provem do procedimento semelhante de um escriptor. Fugirei de ferir personalidades para não desagradar, nem promover questões ocrimóniosas. Darei a conhecer da melhor forma, e com maneiras agradaveis o poder do meu condão, e por meio dos meus agentes invisiveis procurarei sustentar o equilibrio deste meu edificio. Como pensador, amigo do talento e das boas idéas accepto tudo o que me remetterem escripto, e publicarei o que fôr de interesse e agrado geral: é esta a missão do *Mágico*.

EU.

E' aqui assentado sobre o pincaro da mais alta montanha que circunda a formosa cidade do Rio de Janeiro que descortino os seus mais reconditos misterios; é d'aqui que eu faço minhas observações, meus calculos e meus raciocinios; ora abismado no profundo de mil reflexões, ora sorrindo-me prazenteiro ao aspecto de um quadro interessante, ora deixando correr uma lagrima quasi amornada pelo desgosto, finalmente levantando-me sobranceiro e encarando com escarneo as fraquezas humanas. Depois faço uso do meu poder sublime que até hoje ainda não foi concedido a mortal algum, todos se submettem humildes a essa força desconhecida; venho no conhe-

cimento de muitas couzas que por si e por seus authores devem ser sujeitas ao castigo por mim inventado. Tenho andado e andarei por entre todos e só me presentirá quem me conhecer; nestas viagens tenho gostado da politica como observador. Não sou misantropo nem septico, sou um ente da occasião e para a occasião: mudo de phisionomia e de proposito quando, e conforme as circumstancias o exigem: estou certo que me aceitarão.

Seria sempre ignorado por todos se não fosse uma fogueira immensa que alumiou as mais altas grimpas; minha sombra cansou espanto, a terra tremeu, e eu appareci com o romper da aurora! Felizes dias traga para todos o porvir! Eu vos saúdo gentes de todos os sexos, de todas as classes, e de todas as idades! Sêde comigo que eu serei sempre comvosco. Amen.

UM SONHO.

Ora eu vou principiar a dizer mas não sei se com effeito estou bem accordado! Ao leitor parecerá que não, mas eu estou que sim. Ainda estou abrindo a boca, esfregando os olhos... escutem... quero sempre contar um sonho que tive esta noite passada. Elle é comprido! não chega por certo nesta folha, melhor, ficará para outra. Emfim já vai

Esta noite (não, é preciso notar que isto já foi ha muito tempo) eu ~~me~~ tinha deitado um pouco afflito, um pouco levado por pensamentos amatorios, e não sei se posso dizer apaixonado; comtudo não foi lá essas couzas de tirar somno: dormia muito a meu gosto (estou bem certo que assim foi) quando senti que sonhava, quero dizer, foi na occasião em que principiou a se dar o facto que vou agora referir-vos. Eu fazia de conta que estava em um quarto, deitado sobre uma marqueza, não sei de que madeira, porem estou bem certo que estava deitado, e então sobre mim estava vendo o Céo, tão pertinho que se eu estivesse accordado o agarraaria mesmo porque desejava saber o que aquillo é: pois estes meos amigos que querem ser sabichões á força de vento dizem delle tanta couza, e entretanto os que lá estão ainda não voltarão. Ai! que eu ainda não contei o cazo como foi! Vai desta vez.

Sim, o Céo estava perto de mim, mas era um Céo que não tinha estrellas nem sol, nem lua, era um que eu só estava vendo: de repente oh! é agora! Foi elle se abrindo, abrindo, e uma figura veio apparecendo de rosto gentil, que nem era de homem, nem de mulher, não estava nua, nem vestida: ora estarei sonhando ainda? não, deixem-me recordar o que foi mesmo que vi.

Sim era um anjo muito bonito de rosto, mas tinha um rabo como macaco; perdi logo toda a influencia, assim nos acontece muitas vezes com o trato com os outros homens, que não são anjos de

rabo, mas que tem feições de anjo, e são cada um um diabo macho ; digo assim, porque ainda não vi a femea, nem lhe sei o nome ; entretanto ha quem ateime que de todos os animaes veio um caçal quando se fez o mundo.

Tenho paciencia : agora eu entro sem mais reserva no fio, não vos faço esperar mais tempo. O anjo, abriu os braços e pareceu querer-me estreitar sobre o seu peito ; fiquei magnetizado por este movimento, e se soubesse com certeza que o magnetismo tambem influe em quem está dormindo eu era capaz de jurar agora mesmo que fui magnetizado pelo sobredito cujo. Porem qual ! os homens ainda não chegão lá, se elles fossem capazes de muitas couzas que desejão então tinhamos os defuntos todos vivos. Mas sim, como ia contando, deixei-me abraçar, e elle beijou-me na testa : oh ! que tentação de beijo ! foi dado com tanta ternura que eu cuidava que era alguma joven, mas não era não.

E na verdade quasi sempre nos illudimos em nossas impressões e sobre tudo com aquelles que mais de perto nos afagão.

Pondo de parte estas divagações direi como o cazo foi. Elle fez o que eu já disse, depois andou em torno de mim, e eu quanto mais elle se mechia, mais arregalava os olhos ; bateu as azas e voou para o Céo donde tinha vindo (cumpre observar que o tal anjo tambem tinha azas) e ficou seguro pelos pés, deixando inclinar todo o seu corpo sobre mim : foi então que se os labios se abrirão e uma voz doce, harmoniosa, agradavel... (oh ! Jezus que couza extraordinaria !) desenvolveo-se nestes termos :

— Mancebo deixa esta terra.

E que tal ! não foi bem lembrado ? Eu apezar de estar meio perturbado, extasiado, arrebatado, por ouvir um anjo fallar aquellas horas, couza que eu de dia nunca tinha visto, nem ouvido, não deixei com tudo de fazer uma careta pela lembrança. Ora, elle me chamou de mancebo ; porque eu quando isto se passou ainda era mais rapaz ; e se faço esta declaração, é para alguém que não esteja ao facto da couza, ou que entenda de mais a *lingoa*, não pense que eu era composto de cebo ; não senhores, sou de carne e osso, como qualquer outro animal nosso semelhante.

Achei a ordem de deixar a terra um pouco celebre ; porque a fallar a verdade nem nesse tempo, nem ainda hoje estaria muito resolvido a ir para o Céo, e muito menos para o tal onde mora o anjo. Queria o tal marreco fazer-me a gracinha de levar-me para lá ? Quem sabe se para preencher a vaga de algum que se tivesse apozentado ? ! Oh ! quantos por aqui já pensão que estão santificados ! e isto desejarião ! Era sempre uma pechincha, porque então ia pedir a Deos por mim, pela patria e pelos outros. Ha de chegar tempo.

Houve então um pequeno dialogo entre nós que não foi mau-zinho ; eu lhe perguntei — E porque ?

— Porque nella és desgraçado ! —

S. X.

(Continua.)

FRAGMENTOS.

DE UM ROMANCE ORIGINAL DA EPOCA.

Estão as lanternas do Céo tapadas por um negro e espesso lençol de nuvens condensadas: assim como os lampiões da terra estão afrouxando seu brilho pelo deleixo dos homens.

E' nesta corte; e a noite já vai avançada!

Tudo jaz em um profundo silencio, como se isto não fôra aqui; parece que todos com medo do Céo e da terra, vão buscar abrigo refugiando-se entre os lençóis de seu leito, ou debaixo de seus tectos bem feixado e seguros.

E' uma sexta feira, e ella ha bem poucas que passou!

E' uma solemnidade medonha! este aspecto faria tremer mesmo o septicó se elle tentasse vir neste momento estudar mais um passo da natureza, na hora em que os outros se esquecem da vida. Até elle dorme!

E qual o temerario que ousaria percorrer as ruas de uma Cidade, solitarias como estão, a esta hora, em noite similar? Quem atravessaria as estradas dos arrabaldes, mais medonhas ainda, e mais deshabitadas? Qual seria o motivo que moveria alguem a deixar o repouzo, a segurança nos lares, e caminhar sem esperança de abrigo por essas ruas, ou por essas estradas?

Quem sabe se alguem teria motivos mais que fortes? quem sabe se alguem zombando mesmo de todo esse terror, fraco ou forte, estivesse caminhando, ou parado em algum sitio?

Misterios!

Talvez que alguma alma damnada movesse um corpo de demônio! Não; talvez algum de nossos irmãos, algum de nossos iguaes desesperado, ou perdido, illuminado ou corajoso viesse espalhacer magoas ou incendiar-se com a vista d'este espectaculo, encher o vacuo que sentisse dentro de si.

Tambem talvez que não; entretanto apezar das densas trevas da noite, do temeroso socego dos habitantes, da solidão das ruas, alli vê-se um vulto!

— E' um homem. —

Sigamol-o em todos os seos movimentos e acções, sigamol-o por toda a parte, se fallar, não percamos uma só de suas palavras, nem um só de seus pensamentos se nada disser.

Penetremos o misterio desse individuo.

H.

(Continúa.)

O AMANHECER NA CORTE.

SATYRA.

Serião quatro e meia mas ainda
Pura e serena a lua
Seu pallido clarão expandecia.
As ruas da Cidade abrilhantadas
Luzir fazião da calçada as pedras.
Na mais excelsa habitação da Corte
Que o alvo gesso embranquece,
Ao lado do poente
O reflexo da luz mais brilho dava
Disputando dest'arte a primazia.
Na mais comprida rua
Ao mejo repartida
Iguas largos fistões de sombra e lua
Se perfilando rectos
Encantador contraste prefazião.
A fresca e pura aragem matutina,
As fibras percorrendo
Suavizava o corpo,
O mortal consolava que tristonho
Vagante pelas ruas meditava.....
Ah! é bello e sublime na verdade,
Mas não tão bello
O amanhecer na Corte,
Como ó selvas ! bosques, ó campinas !
E' em teos lares o romper da aurora !!
Se aqui o morno silencio dos viventes
Em moles leitos resomnando.
Cançados da preguiça, ou do trabalho,
Estes lares encanta ! então quem vira,
Nas bellas mattas o acordar das aves,
Nos vastos campos o chirrar dos grillos ?
De certo esses prazeres combinando
A Corte abandonava e buscava
Das selvas a morada.
E trocava a innocencia
Dos prados deleitosos,
Pelo prazer lascivo, e a malvadeza
Com que tanto se ufana e se gloria,
Aqui o que ha que desfrutar se possa ?
Apenas ha um negro mal vestido
Conduzindo á cabeça porca tina
De socego seguro á praia leva
Escapando dest'arte ao mau castigo !

Que ha que possa parecer sublime ?

Mal se avista um cachorro,

Magricello e faminto

Deixando a porta que guardou ha pouco

Latindo, uivando vai caminho á praia !

E que quadros encantão nossa vista ?

Um gato que miando

O telhado da casa vai galgando,

Ou o rato que d'um cano sahindo

Vai ruminar no lixo das esquinas ?

Oh! nada se pôde comparar aos campos ;

O céo embora o mesmo,

Embora a mesma aragem

Como pôde elle brilhar placido e bello,

Como ella poderá correr mui livre

Nos estreitos becos nos montões de casas ?

Que pôde distrahir, o que alegrar-nos ?

Começa o rebolico

Que'é o encanto da Corte

Já a corneta toca a alvorada ;

As quitandeiras ao mercado voão ?

O misero soldado marca o passo

Sobre o mesmo lugar de sentinella.

E. A.

(Continúa)

SIM?

Vem ver Luiza comigo

Como vem rompendo o dia,

Vem unir a esses encantos

Teus encantos d'harmonia.

Vem juntar tua belleza

A' quellas que a natureza

Mostra sempre ter magia.

Vês aquella nuvem clara

Fugir d'outra cõr de roza ?

Não parece com teus labios,

Quando os abrindo amoroza,

Com sorriso de candura

Trazes amor de mistura

Co' a paz que teu peito goza ?

Vês agora doutro lado
Como o Ceo está dourado,
Por cima do seu matiz!
Não parece aquella hora
Em que nosso amor vigora
E tu pensas ser feliz?

Olha para alli minha bella
Vê sumir-se aquella estrella,
Que luz mais clara encobrio,
Não parece aquelle instante
Em que o prazer inconstante
Tu choras porque fugio?

Vê dalli como o sol nasce,
O prazer como renasce
Em tudo que vês viver!
Não parece com o passado
Quando por nós é lembrado
Cada dia com prazer?

Sentes como o raio estende
Por entre a folhagem fende
Cada vez crescem de ardor?
Semelhante a nossos peitos
Que leaes sempre perfeitos
Cada vez crescem de amor?

Os passarinhos contentes,
Como os outros mais viventes
Mostrão saltando a alegria:
Todos gozão essa ventura,
Que nos dá tanta doçura
Quando vem rompendo o dia.

Todos os dias bem cedo
Contarás esse segredo
Segredo que não tem fim
Ouvirás minhas lembranças
Sempre ajuntando esperanças
E depois num beijo — sim?

E. A. R.



MISC'ELLANEA.

Abriu-se um curso de schottish que já teve principio o mez passado, não se publicou ha mais tempo por ter havido muita falta de limões azedos, e quem a dançar hade fazer uso de limonadas. Os senhores que quizerem frequentar este curso dirijao-se ao Campo: e aquelles que quizerem aprender a partir as *canellas* vão a rua de S. Bento ao voltar a esquina da rua dos Benedictinos que lá acharão uma aula publica destinada para esse sim (queremos dizer uma grande pedra e sustentada a expensas da incuria daquelles que são encarregados do bem publico).

— Precizão-se de espectadores para as obras da Casa da Opera porque os que presentemente lá concorrem não são bastantes para dar vencimento a mesma.

— Uma Sociedade que se chama — Muzas Nove — declara que todas as vezes que for enfardada mudará de titulo, e principia já a se appellidar — Do Pindo as Graças trez —

— Dizia um sujeito a seu filho — Você olha para o meo cavallo, meu filho em quanto eu entro aqui e tomo alguma couza.

“ Sim senhor meu pae. ”

— O Pai entra, e ao sahir não vê o cavallo.

— Onde está o meo cavallo rapaz ?

— Fugio, sim senhor —

— Pois eu não te disse que tomasse sentido nelle ?

— Não senhor, V. M. disseme que olha-se para elle e eu assim fiz até perdel-o de vista.

— Mamã, disse uma rapareguinha, os ricos e os pobres vivem junctos quando vão para o Ceo ?

Sim, minha filha lá todos sao iguaes.

— Então mamã, porque razão não se associao aqui os ricos com os pobres ?

A mãe nada respondeu. Porem nós respondemos por ella — Menina a razão é muito simples, é porque os ricos vestem-se nos alfaiates da rua do Ouvidor, e os pobres vestem-se nos que morão nas praças, no Arco do Telles, adro de Igreja etc. Já por ahi não pode haver muita liga. Uns morão em casas grandes elegantes, e algumas mal pagas, e os outros tem as ruas por homenagem, dormem em leitos de pedra, porque tudo é do Rei ! Uns andão lavados e engomados, e sempre curados, os outros estão sempre sujos entrapados doentes e na onça. No mais não lhe vejo razão.